

Vozes e sentidos no discurso do programa Linha Direta

Michele Negrini1
[Descargar PDF] - [Descargar SWF]

Resumo: ste estudo objetiva refletir sobre as vozes e os sentidos presentes no discurso do programa Linha Direta, da Rede Globo de Televisão, através do mapeamento dos locutores, os quais são colocados em relação à figura do enunciator. O artigo tem como eixo algumas idéias básicas da Análise do Discurso, principalmente os conceitos de locutores e enunciadores de Ducrot. A amostra da análise é composta por um caso do programa Linha Direta, onde identificamos as vozes e os sentidos predominantes do criminoso e da vítima.

Palavras chave: análise do discurso, enunciator, locutor

Introdução

Vivemos em uma sociedade cercada pela ação dos meios de comunicação social. Eles estão presentes no cotidiano de grande parte das pessoas, podendo interferir em seu modo de pensar e agir. Os meios de comunicação, no seu exercício diário, podem levar às pessoas uma visão particular sobre a realidade e sobre a violência, o que pode ser evidenciado no programa Linha Direta da Rede Globo.

O programa Linha Direta leva aos telespectadores a violência social, cria situações de forma que podem gerar uma expectativa a alguns e causar medo a outros. Tenta criar a ilusão de solução fácil dos casos e passa uma ideia principal de que os criminosos são extremamente maus e as vítimas são pessoas cercadas de qualidades.

O programa é veiculado semanalmente, às quintas-feiras, geralmente apresentando o relato de dois crimes², recheados por elementos discursivos tanto do jornalismo quanto da dramaturgia. Fortemente ancorado no recurso das simulações, o programa inicia com trechos do primeiro crime do dia, intercalados por depoimentos emocionados de pessoas ligadas à vítima. O que se vê depois é um misto de dramatização, depoimentos gravados e intervenções do apresentador em estúdio. Na transição do primeiro para o segundo caso, na maioria das vezes, o procedimento inicial é repetido. Ao final de cada episódio é exibido o "resultado" efetivo do programa: o criminoso preso após as denúncias de telespectadores³, sendo feita uma retrospectiva da sua conduta e da sua "vida criminosa".

Assim, a estrutura do programa pode ser sintetizada como um ritual que se repete: apresentação do telespectador ao bom histórico da vítima e ao mau histórico do criminoso, dramatização de cenas do crime e da vida dos personagens envolvidos, depoimentos de pessoas emocionadas e de autoridades, intercalados por aparições do apresentador, que conduz a narrativa. É comum que o apresentador remeta o telespectador à foto do criminoso, que está em destaque.

Quatro núcleos (Mendoza, 2001) trabalham em conjunto na produção do programa: a coordenação de jornalismo (apuração dos fatos e redação do texto jornalístico), o núcleo de dramaturgia (direção artística), o núcleo de roteiro (texto final e organização das reportagens) e a equipe de produção.

Embora o programa faça parte da grade de entretenimento da Rede Globo, as fronteiras entre espetacularização e jornalismo são fluidas, o que dificulta sua inserção em um gênero. A simulação de diálogos entre os personagens e a encenação de fatos, somadas ao recurso da sonorização, caracterizam mais a teledramaturgia e o espetáculo que propriamente o jornalismo - o que nos leva a tratar o "Linha Direta" como um produto híbrido.

A morte, associada ao sexo e à violência, é o principal bem simbólico ofertado ao consumo do telespectador. É uma morte com autoria, reveladora do que pode haver de mais estarrecedor na espécie humana: a capacidade de matar por qualquer motivo que não seja o da sobrevivência. O autor do crime, comumente denominado bandido ou criminoso, é tratado pelo programa sob uma perspectiva dominante - quando não a única - que objetiva uma representação plana, uniforme, simplista e inequívoca. É sobre as vozes que retratam o autor do crime que recaí nosso interesse, e é com base em alguns conceitos da Análise do Discurso, partindo da distinção entre locutores e enunciadores proposta por Ducrot, que vamos analisar um caso representativo⁴ da lógica polifônica do "Linha Direta".

Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa, que surge especialmente a partir das sistematizações de Michel Pêcheux sobre conceitos fundadores de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, é uma linha de investigação que tem por objeto textos, que são ao mesmo tempo linguísticos e históricos. O discurso articula a língua com a história, sendo ele mesmo um "efeito de sentidos" - que existiam antes dele e que vêm conformá-lo naquele contexto específico, enunciado por aqueles atores determinados, naquele momento histórico.

O texto como objeto de pesquisa implica que se tome a Análise do Discurso como um quadro de referência conceitualmente organizado, mas metodologicamente aberto. É preciso ouvir com atenção o que dizem - e como dizem - os textos que o analista tomou como objeto. A AD tem uma preocupação que ultrapassa a hermenêutica. É preciso ir além da interpretação dos sentidos de um texto: é preciso entender como o discurso funciona. Que lógica o movimenta, que elementos são repetidos, que elementos são silenciados; onde este discurso tem lugar, que posições de sujeito são ocupadas, como os atores se movimentam nessas posições ideologicamente definidas; quem fala, que espaços ocupa.

Sabemos que não há discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia (Orlandi, 2001). A relação entre linguagem, mundo e pensamento torna-se possível porque a ideologia intervém com o seu modo de funcionamento imaginário, e o indivíduo, interpelado pela ideologia, torna-se sujeito de um dizer. Orlandi salienta que, pela interpelação ideológica que transforma o indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade: a posição de sujeito é um lugar que o indivíduo momentaneamente ocupa para ser sujeito do que diz. Esse "lugar" é definido por elementos que vão além das singularidades do indivíduo que fala. Ao falar, o indivíduo se movimenta ao longo de uma série de posições de sujeito - e, sempre que muda de uma para outra, incorpora uma perspectiva a partir da qual deve falar.

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que lêem⁵, o meio em que este texto se materializa linguisticamente, as relações de poder aí conformadas. As formações discursivas, estas regiões de sentido que se definem nas suas relações com outras formações discursivas, são reflexos das relações entre sujeito e ideologia, e, quando localizadas, permitem ao analista estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso, ao que fala e ao que lê.

A linguagem é tratada por Bakhtin como inerentemente dialógica. A figura do outro é imprescindível na construção do discurso, pois não se pode pensar o homem fora de suas relações. "Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros" (Bakhtin, 1986, p. 113).

O diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas existem textos monofônicos e polifônicos, de acordo com as estratégias discursivas empregadas.

Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, portanto, efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. Nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas (Barros, 1999: 36).

Ducrot (1987) contesta o pressuposto da unicidade do sujeito falante, mesmo que algumas pesquisas considerem como óbvio que cada enunciado possui somente um autor. Ele lembra que a crença da unicidade do sujeito falante esteve presente durante muito tempo e não foi questionada até que Bakhtin elaborou o conceito de polifonia.

Para Bakhtin, há toda uma categoria de textos, e notadamente de textos literários, para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que dentre elas seja preponderante e julgue as outras: trata-se do que ele chama, em oposição à literatura clássica ou dogmática, a literatura popular, ou ainda carnavalesca, e que às vezes ele qualifica de mascarada, entendendo por isso que o autor assume uma série de máscaras diferentes. Mas esta teoria de Bakhtin, segundo meu conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz (Ducrot, 1987:161).

Há um entrecruzamento de vozes em um mesmo texto, e um enunciado assimila, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes.

Locutores e enunciadores

Ducrot utiliza-se da noção de polifonia de Bakhtin para diferenciar um sujeito enunciator de um locutor. Para ele, o locutor é "um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável".

(...) o locutor, designado por eu, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor - mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que, de uma maneira quase evidente, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado (Ducrot, 1987:182).

O enunciator é a figura responsável pela produção de sentidos no enunciado, que mostra o ponto de vista de onde se posiciona o locutor.

Chamo "enunciadores" estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (Ducrot, 1987:192).

O locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores cujos pontos de vista e cujas atitudes ele organiza e assimila. "Direi que o enunciator está para o locutor assim como a personagem está para o autor" (Ducrot, 1987: 192).

O locutor pode ser comparado a um narrador, que é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas no discurso são atribuídas a enunciadores, que mostram seus pontos de vista no texto. Isso quer dizer que locutores diferentes podem ser veículos de um mesmo enunciator - é exatamente o que observaremos em nossa análise.

Cíume fatal

O caso que selecionamos para análise é típico, reunindo características encontradas na maior parte dos crimes relatados. Traç uma morte violenta, motivada por cíume de um criminoso retratado como essencialmente mau. O criminoso conhece a vítima, e os depoimentos ajudam a construir a imagem de uma "tragédia anunciada", cujos sinais ninguém soube perceber.

O programa narra a história a história de João, assassinado logo após a festa de seu noivado, quando deixou a casa da noiva, Márcia. Ele foi morto por Mazinho, ex-namorado de sua noiva, inconformado com o fim do relacionamento - decisão tomada por ele mesmo. Após romper com Márcia, Mazinho se arrependeu e passou a ameaçá-la de morte, caso ela viesse a ter outro namorado. No dia do noivado, surpreende João, matou-o com trinta facadas e o arrastou, amarrado a um cavalo, por dois quilômetros. O crime aconteceu em Itaberai (Goiás), no dia 10 de outubro de 1999. O assassino foi preso e confessou o crime. Condenado a dezessete anos e meio de prisão em regime fechado, Mazinho fugiu da cadeia e nunca mais foi visto.

Encontramos, no relato desse caso, dezessete locutores, que, por uma conveniência metodológica, serão tratados aqui por L1 a L176. Também por uma opção metodológica, decidimos observar o posicionamento dos locutores a partir de determinadas formações discursivas. É com base nos sentidos produzidos que vamos determinar a relação entre polifonia e paráfrase - compreendendo a paráfrase como a reiteração, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Existe uma perspectiva predominante: a do enunciator que reduz o bandido a um homem possessivo, calculista e violento e reduz a vítima a um ser alegre, ingênuo, puro, generoso e apaixonado.

Todos os locutores assumem essa perspectiva de enunciação. É como um "lugar" que vai sendo sucessivamente ocupado por todos, incluindo o narrador e o apresentador do programa. Locutores diversos são reunidos sob o mesmo enunciator, criando um mesmo sentido - uma polifonia que se dá no plano formal e que vem ao encontro dos estereótipos reconfortantemente simplificadores a respeito do bem e do mal. Esta "opção" do programa de seguir uma linha que leva à condenação do bandido e exaltação dos valores das vítimas dá espaço para questionamentos, pois estamos trabalhando com um programa híbrido de jornalismo e espetáculo. E, tratando-se de discurso jornalístico, a imparcialidade é um fator importante.

A apresentação do bandido como uma pessoa fria pode ser verificada nas seqüências discursivas: "segundo Márcia, Mazinho não dava atenção para ela" (L2); "Márcia e Mazinho não trocam carinhos, e o namoro é marcado por um silêncio constrangedor" (L1); "Mazinho está atrasada para a festa e Márcia está impaciente; finalmente ele chega, mas não liga para a namorada, prefere ficar com os amigos" (L1); "eu nunca achei que ele fizesse gosto, porque toda vez que a gente chegava, sempre sentava mais afastado, nunca pegava em mim, nem na minha mão" (L4); "namorar com uma pessoa e a pessoa não falar nada, eu arrumava de tudo quanto é jeito para ele falar e ele nunca falava" (L4).

Já a vítima demonstra paixão e carinho para os que a cercam: "João era o contrário de Mazinho, carinhoso e dedicado, tanto que em pouco tempo decidiram casar" (L2); "a atração entre os dois era tão forte que eles não conseguem esperar pela lua-de-mel" (L1). A vítima é demonstrada como um homem capaz de fazer uma mulher feliz: "Os dois só falavam no casamento, a alegria era geral" (L2); "tinha esperança de casar e ser a mulher mais feliz, e fazer dele o homem mais feliz, era isso que nós dois queríamos" (L4); "peguei na mão dele e olhei, ficou tão bonita aquela aliança na mão dele, da Márcia também, ficou bonito demais" (L9).

O assassino apresenta traços de insegurança, o que contribui para que ele seja cíumento: "Mazinho começou a namorar Márcia, mas, como ela era muito tímido, usou a arma de facadas e pedio" (L2); "uma pessoa muito insegura, sabe?" (L4); "Mazinho tomou a iniciativa de terminar o namoro, mas estranhamente passou a ameaçar a ex-namorada. Numa das conversas ele disse que, se Márcia não fosse dele, não seria de mais ninguém, Márcia, então, perguntou se ele pretendia matá-la. E Mazinho respondeu com a seguinte frase: 'a gente se encontra no céu'" (L2); "Márcia volta para casa e é surpreendida por Mazinho, que persegue sua charrete e a obriga a parar" (L1); "ele chegou e disse: 'vem cá, se você continuar desse jeito é melhor a gente terminar'" (L4).

A vítima é espirituosa, além de ter bom relacionamento com as pessoas: "Ele [João] disse: 'o dia que eu crescer dez centímetros eu vou namorar com você'. Ele ainda sentou na traseira da caminhonete e falou: 'olha, eu cresci, pode namorar comigo'" (L4). E também é uma pessoa determinada: "Ele pegou, no que ele veio de Itaberai, e trouxe um relógio para mim de presente. E ele falou: 'agora nós vamos noivar no sábado'" (L4); "meu filho, vai casar e me largar dum lado", mainha, eu vou fazer a casinha do outro lado" (L8); "para mim, eu não perdi só um amigo, perdi um filho" (L6); "acho que toda mãe desejava um rapaz daqueles pra casar com a filha, ele era bom demais" (L9); "só de ver os dois juntos eu já ficava feliz, porque ele estava realizando o sonho dela" (L9).

Ser frio e calculista faz parte da personalidade do assassino Mazinho: "ele chegou e me disse: 'Márcia, volta pra mim', e eu falei: 'não volte'. Ele falou: 'então tá bom, amigos'. E eu falei: 'amigos'. Ele pegou na minha mão e disse 'tchau', e eu falei 'tchau'" (L4); "quatro dias antes do crime, Mazinho, o futuro assassino, foi até a fazenda de João debulhar arroz, como costumava fazer. Só não encontrou João porque ele tinha ido até a cidade comprar um presente para a noiva" (L2); "Márcia logo deduziu quem era o culpado. A polícia encontrou Mazinho trabalhando na lavoura e ele confessou o crime" (L2).

O assassino também é mau, violento e cruel: "parte do bate-boca é silenciado pela primeira facada de Mazinho. João ainda tenta fugir, mas é alcançado pelo assassino, que o agarra pelas costas. João se vira, agitado, mas Mazinho não hesita, sabe?" (L4); "desfere mais dezesseis facadas" (L1); "segundo de atingir o rival trinta vezes, Mazinho amarra João na sela do cavalo e sai arrastando o corpo. São quase dois quilômetros de cavalgada. A camisa e a bota de João ficam rasgados" (L1); "a pele foi toda tirada, porque durante dois quilômetros ele arrastou o corpo da vítima" (L10); "é muita maldade" (L8); "aquí foi onde ele acabou de matar ele, porque a primeira facada deu mais pra frente, 64 metros, daí ele veio aqui e foi onde acabou de matar ele" (L4).

Há apenas dois momentos que deixam antever sentidos um pouco diversos do maniqueísmo bem-mal preponderante neste tipo de discurso. O primeiro surge na fala de um amigo da vítima, que permite pensar o mistério da condição humana, capaz de atos violentos e certamente condenáveis como um homicídio: "rapaz, a gente nem sabe como explicar, o ser humano é uma coisa imprevisível; ao mesmo tempo em que o cara [vítima] tava aí junto de nós, não era assim um dos amigos mais chegados, mas eu considerava ele" (L11). Embora não remeta o caráter de imprevisível aos atos do criminoso, é um enunciado que reflete o espanto do homem diante da morte e de suas teias inexplicáveis.

O segundo acontece ao narrar uma atitude da moça que foi pivô do crime. "Quando ainda estava namorando Mazinho, Márcia escreveu duas cartas para João. Apesar das frases românticas, Márcia afirma que as mensagens eram apenas provas de amizade" (L2). Ao que a noiva se justifica: "Tinha palavras de amor, mas não porque eu sentia, só pra mandar mesmo. A gente era amigo, a gente era acostumado a mandar uma carta de amor só como amigo" (L4). Não cabem aqui considerações morais nem ponderações sobre um crime violento e cujo autor já foi condenado pela Justiça. Mas as duas últimas seqüências discursivas deixam antever a complexidade de uma realidade que o programa tenta eliminar discursivamente.

Pode-se ver que na simplificação da imagem do criminoso a uma pessoa má e da vítima a uma pessoa repleta de virtudes, há sentidos silenciados, que acabam se mostrando na atividade de análise. Também é pertinente observar que no programa Linha Direta há um silenciamento de vozes, pois a maior parte dos locutores manifestos é ligada à vítima, polícia e Justiça. Não é visível a voz de pessoas ligadas ao criminoso.

Considerações finais: uma análise da polifonia no Linha Direta

O discurso do "Linha Direta" é notadamente polifônico, apresentando uma grande diversidade de vozes. A problematização que propomos vai além do mapeamento dessa evidência: nossa pergunta é se diversidade significa, por fim, pluralidade. Os casos narrados no programa, como o que analisamos aqui, apresentam uma série de depoimentos. Porém, temos muitos locutores falando basicamente sob uma perspectiva, um ponto de vista - seguindo a definição de Ducrot, muitos locutores e um único enunciator.

Se quisermos realmente compreender como determinados sentidos estão sendo reiterados, não podemos parar na identificação dos locutores, mas devemos avançar rumo aos enunciadores. São eles que indicam as posições de sujeito ocupadas pelos indivíduos que falam, são eles que vêm configurados ideologicamente, são eles os personagens incorporados por atores diversos. O enunciator é a perspectiva da qual o locutor enuncia. E essa perspectiva que articula as formações discursivas - que definem, na aceção clássica de Pêcheux, o que pode e deve ser dito daquela posição determinada.

Programas como o "Linha Direta", híbrido de jornalismo e espetáculo fundados na violência, mobilizam preocupações ao mesmo tempo sociais e atávicas. Ao lado da noção de colaboradores da Justiça e reguladores do caos social, ancoram-se em um ancestral medo diante da morte e da dor. Trabalham com uma lógica complexa que transita permanentemente entre o consciente e o inconsciente, ativando no telespectador o senso de dever dos justiceiros, a impotência diante das falhas do sistema social, os sentimentos de incredulidade, raiva e compaixão.

Este tipo de programa, que exaltação de temas relacionados à violência, procura mostrar casos com detalhes que favoreçam a extrapolação das características emotivas. A apresentação de histórias peculiares, que possibilitam a geração de sentimentos no público, é importante para que a visão de que o criminoso é mau e de que a vítima é completamente inocente seja confirmada. No caso que analisamos, o espaço para o afloramento de emoções é vasto, na medida em que tratamos de uma moça perder o namorado no dia da festa de noivado. Assim, a falta de sensibilidade e de humanidade do criminoso é exaltada entre os espectadores.

Com a exposição exagerada dos criminosos durante o programa e com a constante reiteração de seus defeitos percebe-se o abandono de alguns valores éticos. Pois expor uma pessoa, evidenciando os seus defeitos, em um programa com abrangência nacional e não dar a ela a possibilidade de defesa é uma atitude que não é embasada por princípios éticos. A complexidade intrínseca ao caos é soterrada por meio de um discurso que opta por estratégias de simplificação e redução. Não retrata seres humanos que se movem entre tensões e contradições, e sim pessoas que são "ou isto ou aquilo". É uma fórmula de fácil entendimento e que ajuda a manter a visão de que o mundo se divide entre os "totalmente maus" e os "totalmente bons", estando estes à mercê da crueldade daqueles.

No caso que analisamos, e que é emblemático do programa, há um enunciator dominante, segundo o qual um assassino perverso subjug a vítima ingênua. Não há como negar a violência do crime e não se trata de defender o bandido. Talvez, se a mídia desse lugar a outros enunciadores, tivessemos uma vítima também imperfeita, em um discurso matizado que extinguiaria o ilusório maniqueísmo. Mas esse movimento pressupõe que sejamos capazes de lidar com nossa própria humanidade.

Vamos finalizar com a observação de que programas como o Linha Direta, que tem como foco específico a delação de criminosos, trabalhando com uma única perspectiva de enunciação, nos fazem pensar que a mídia está mais comprometida com a espetacularização do que com a prática da justiça e com o desenvolvimento da democracia.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (1996). Marxismo e filosofia da linguagem. 3.ed. São Paulo, Hucitec.
BARROS, Diana Luz Pessoa (1999). Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (org). Diálogos com Bakhtin. 2.ed. Curitiba, UFPR.

DUCROT, Oswald (1987). O dizer e o dito. Campinas, Pontes.

MENDONÇA, Kleber (2001). "Estratégias de autoridade em tempos de participação interativa: uma análise do programa Linha Direta". In: Anais do 10º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, Compós, 2001.

ORLANDI, Eni (2001). Análise do discurso: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes.

Notas

1 Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria; bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria; mestranda do PPGCOM/UFRGS; professora da Faculdade Sul Brasil de Toledo; e-mail: mnnegrini@yahoo.com.br.

2 Mendoza (2001) separa os casos apresentados no programa em três tipos: casos que já foram julgados pela Justiça e cujos criminosos se encontram foragidos; casos que ainda se encontram em aberto na Justiça; casos em que não há pistas de quem realizou o crime e em que situação ocorreu.

3 No início ou no final de cada episódio são exibidos os nomes do responsável pela reportagem e pelo roteiro da dramatização; e, no final, o endereço eletrônico do "Linha Direta" (www.globo.com/linhadireta), o endereço para correspondência e o telefone para denúncias, sempre reforçados pelo apresentador, Domingos Meirelles. O apelo à participação do telespectador é constante: Meirelles, ao evidenciar a foto do criminoso, convida quem tiver alguma pista acerca do seu paradeiro a ligar para o número do programa.

4 Primeiro caso do episódio exibido em 2 de agosto de 2001.

5 Considerando-se todo receptor, independentemente do veículo, como "leitor", e a leitura como um ato de produção de sentidos.

6 Os locutores são: L1 = narrador; L2 = apresentador; L3 = Cleuza da Borba de Souza (irmã da vítima); L4 = Márcia Alves Ribeiro (noiva da vítima); L5 = Isaac Rodrigues da Silva (amigo da vítima); L6 = Mário Ribeiro da Silva (pai da noiva da vítima); L7 = José Maria da Borba (irmão da vítima); L8 = Bernardina Teixeira da Borba (mãe da vítima); L9 = Diva Alves da Silva (mãe da noiva da vítima); L10 = Jales Guedes Coelho de Mendonça (promotor); L11 = Wellington José da Cruz (amigo da vítima); L12 = Marcondes Alves Ribeiro (irmão da noiva da vítima); L13 = Helson José de Araújo (amigo da vítima); L14 = Isldiro Francisco de Sá (delegado); L15 = irmã do bandido; L16 = João (vítima); L17 = Mazinho (assassino). Ressalte-se que a irmã do assassino não é ouvida no programa, e sua fala aparece citada por outros. Não há, entre os locutores, ninguém próximo do criminoso.